

Prólogo

A viagem do aeroporto Tegel, em Berlim, até Ravensbrück dura pouco mais de uma hora. Da primeira vez que fui até lá, em fevereiro de 2006, caía uma neve pesada e havia um caminhão atravessado no anel rodoviário de Berlim, então demorei mais para chegar.

Heinrich Himmler ia frequentemente a Ravensbrück, mesmo com um clima terrível como aquele. O chefe da SS tinha amigos na área e se detinha para inspecionar o campo ao passar por lá. Raramente ia embora sem deixar novas ordens. Certa vez, determinou a adição de mais tubérculos na sopa das prisioneiras. Em outra ocasião, avaliou que o massacre não estava sendo suficientemente rápido.

Ravensbrück foi o único campo de concentração nazista construído para mulheres. O seu nome deriva de uma pequena aldeia, contígua à cidade de Fürstenberg, e o campo está localizado a cerca de 80 quilômetros ao norte de Berlim saindo da estrada para Rostock, na costa báltica da Alemanha. As mulheres que chegavam à noite às vezes pensavam que estavam perto da costa ao sentir o sal no vento; também sentiam a areia sob os pés. Ao amanhecer, entendiam que o campo ficava à beira de um lago e estava cercado por uma floresta. Himmler gostava de que os seus campos se situassem em áreas de beleza natural, preferentemente ocultos. Hoje, o campo permanece escondido; em grande medida, os crimes hediondos que lá foram cometidos e a coragem das suas vítimas são desconhecidos.

Ravensbrück foi aberto em 1939, menos de quatro meses antes do início da guerra, e libertado pelos russos seis anos depois — um dos últimos campos a serem tomados pelos Aliados. No primeiro ano, houve menos de 2 mil prisioneiras, quase todas alemãs. Muitas tinham sido detidas por se oporem a Hitler — comunistas, por exemplo, ou testemunhas de Jeová, para as quais Hitler era o anticristo. Outras foram encarceradas simplesmente porque os nazistas as consideravam seres inferiores e queriam extirpá-las da sociedade: prostitutas, criminosas, desabrigadas e ciganas. Mais tarde, o campo recebeu milhares de mulheres capturadas nos países ocupados pelos nazistas, muitas das quais haviam participado da resistência. Crianças também foram levadas para lá. Uma pequena porção — cerca de 10% — era de prisioneiras judias, mas o campo não era formalmente considerado um campo para judias.

No seu auge, Ravensbrück teve uma população de 45 mil mulheres; ao longo dos seis anos em que funcionou; umas 130 mil mulheres atravessaram os seus portões para serem golpeadas, esfaimadas, exploradas até a morte, envenenadas, executadas e gaseadas. As estimativas do número total de mortes oscilam entre 30 mil e 90 mil; provavelmente a soma correta esteja na média, mas restaram tão poucos documentos da SS sobre o campo que nunca se saberá ao certo. A destruição total das evidências de Ravensbrück é outra razão para a história do campo ter permanecido na obscuridade. Nos dias derradeiros, os prontuários das prisioneiras foram incinerados no crematório ou em fogueiras, junto com os corpos. As cinzas foram jogadas no lago.

Ouvi falar de Ravensbrück pela primeira vez quando escrevia um livro sobre Vera Atkins, que durante a guerra fora oficial da Agência de Operações Especiais (SOE) do serviço secreto britânico. Pouco depois da guerra, Vera fez uma pesquisa solitária sobre as mulheres da SOE britânica que haviam saltado de paraquedas na França ocupada para ajudar a resistência, com um grande número de desaparecidas. Ela seguiu as pistas e descobriu que muitas haviam sido capturadas e enviadas a campos de concentração.

PRÓLOGO

Tentei reconstruir a pesquisa de Vera, começando por seus documentos pessoais, que foram arquivados em caixas de papelão marrom e guardados pela sua cunhada, Phoebe Atkins, na sua casa da Cornualha. A palavra “Ravensbrück” estava escrita em uma caixa. Dentro havia notas manuscritas de entrevistas com sobreviventes e suspeitas de terem formado parte da SS — algumas das primeiras evidências reunidas sobre o campo. Folheei aqueles papéis. “Tivemos de nos despir e fomos raspadas”, Vera ouviu de uma mulher. Havia “uma coluna de fumaça azul asfixiante”.

Uma sobrevivente mencionou um hospital no campo onde “germes de sífilis foram injetados na medula”. Outra contou que vira mulheres provenientes de Auschwitz chegarem ao campo após uma “marcha da morte” pela neve. Um agente da SOE detido em Dachau fez anotações sobre mulheres de Ravensbrück que haviam sido forçadas a trabalhar em um prostíbulo de Dachau.

Várias entrevistadas mencionaram uma jovem guarda chamada Binz, de cabelos “claros e curtos”. Outra guarda tinha trabalhado como babá em Wimbledon. Segundo um investigador britânico, dentre as prisioneiras estava “a nata das mulheres europeias”; elas incluíam a sobrinha do general De Gaulle, uma ex-campeã de golfe britânica e muitas condessas polonesas.

Comecei a procurar datas de nascimento e endereços, caso algumas sobreviventes — ou até mesmo guardas — ainda estivessem vivas. Alguém tinha entregado a Vera o endereço de uma sra. Chatenay, “que sabe sobre a esterilização de crianças no Bloco 11”. Certa doutora Louise Le Porz apresentara uma declaração muito minuciosa e contara que o campo havia sido construído em uma propriedade pertencente a Himmler, cujo *Schloss* particular, ou castelo, ficava ali perto. O seu endereço ficava em Mérignac, na Gironde, mas, pela data de nascimento, ela provavelmente estava morta. Uma mulher de Guernsey chamada Julia Barry vivia em Nettlebed, em Oxfordshire. Outros endereços eram extremamente vagos. Supostamente, uma sobrevivente russa trabalhava “na unidade materno-infantil da estação de trens de Leningrado”.

Quase no fundo da caixa encontrei listas manuscritas de prisioneiras, surrupiadas por uma polonesa que havia tomado notas no campo e fizera esboços e mapas. “As polonesas possuem a melhor informação”, dizia a nota. A mulher que fez a lista morrera havia muito tempo, mas alguns endereços indicavam Londres, e as sobreviventes estavam vivas.

Levei os esboços comigo na primeira visita a Ravensbrück, na esperança de que ajudassem a me situar. Mas, à medida que a neve ficava mais espessa, comecei a me perguntar se conseguiria chegar ao campo.

Muitos tentaram, mas não conseguiram chegar a Ravensbrück. No caos dos dias derradeiros da guerra, funcionários da Cruz Vermelha a caminho do campo tiveram de regressar, tal era o fluxo de refugiados que se deslocava em sentido contrário. Alguns meses depois, quando foi até lá para iniciar a sua investigação, Vera Atkins foi detida em um posto de fronteira; o campo ficava na zona russa de ocupação e havia restrições ao acesso de outros nacionais aliados. Àquela altura, a busca de Vera pelas mulheres desaparecidas era parte de uma investigação britânica mais ampla sobre o campo que resultou nos primeiros julgamentos dos crimes de guerra em Ravensbrück, iniciados em abril de 1946, em Hamburgo.

Na década de 1950, com o início da Guerra Fria, Ravensbrück ficou atrás da Cortina de Ferro, que dividiu as sobreviventes entre Leste e Oeste e partiu ao meio a história do campo.

Fora da vista do Ocidente, o local tornou-se um altar para as heroínas comunistas do campo e, em toda a Alemanha Oriental, ruas e escolas foram nomeadas em homenagem a elas.

Enquanto isso, no Ocidente, Ravensbrück literalmente desapareceu. Sobreviventes ocidentais, historiadores e jornalistas não podiam se aproximar do local. Em seus próprios países, as ex-prisioneiras esforçaram-se por publicar suas histórias. Era difícil ter acesso às provas. As transcrições dos tribunais de Hamburgo foram classificadas como “secretas” e permaneceram interditas durante trinta anos.

“Onde ficava o campo?”, era uma das perguntas que eu me fazia ao começar a escrever sobre Ravensbrück. Além de outras: Por que havia

PRÓLOGO

um campo exclusivamente para mulheres? Seriam elas judias? Tratava-se de um campo da morte? Seria um campo de trabalho escravo? Haveria sobreviventes?

Nos países que perderam um grande número de vidas no campo, grupos de sobreviventes tentaram manter vivas as suas memórias. Aproximadamente 8 mil francesas, mil holandesas, 18 mil russas e 40 mil polonesas foram feitas prisioneiras. Contudo, em cada país, por motivos diferentes, a história foi obscurecida.

No Reino Unido, que não teve mais de vinte mulheres no campo, a ignorância é surpreendente, assim como nos EUA. Os britânicos podem saber sobre Dachau, o primeiro campo de concentração, e talvez sobre Belsen, porque tropas britânicas o libertaram, e o horror com que se depararam, captado em filmes, sempre assombrou a consciência britânica. Fora isso, só Auschwitz, sinônimo do gaseamento de judeus, teve uma ressonância genuína.

Depois de ler os arquivos de Vera, busquei o que havia sido escrito sobre o campo para mulheres. Os historiadores tradicionais — em sua maioria homens — não tinham quase nada a dizer. Mesmo os livros sobre os campos escritos após o final da Guerra Fria pareciam descrever um mundo inteiramente masculino. Até que uma amiga que trabalhava em Berlim me emprestou uma coleção de ensaios importantes, escritos em sua maioria por acadêmicas alemãs. Na década de 1990, historiadoras feministas começaram a revidar. Aquele livro prometia “liberar as mulheres do anonimato que está por trás da palavra prisioneiro”. Uma pletera de estudos surgiu quando outras autoras — em geral alemãs — escavaram partes de Ravensbrück e as examinaram “cientificamente”, o que parecia sufocar a história. Reparei na menção a um “Livro da memória” que parecia muito mais interessante, e tentei entrar em contato com a autora.

Eu também havia me deparado com um punhado de recordações de prisioneiras, principalmente dos anos 1950 e 1960, que jaziam em prateleiras ao fundo das bibliotecas públicas, muitas vezes com capas sensacionalistas. A capa das memórias de Micheline Maurel, uma professora de literatura francesa, trazia uma garota voluptuosa ao estilo James Bond detrás de um arame farpado. Um livro sobre Irma Grese,

uma das primeiras guardas de Ravensbrück, recebeu o título de *A fera bela*. A linguagem destas memórias parecia antiquada e, a princípio, irreal. Uma autora falava de “lésbicas com rostos embrutecidos”, outra da “bestialidade” das prisioneiras alemãs, que “davam o que pensar sobre a virtude fundamental da sua raça”. Eram textos que desorientavam; como se ninguém soubesse como contar a história. No prefácio de um livro de memórias, o escritor francês François Mauriac escreveu que Ravensbrück era “uma abominação que o mundo tinha decidido esquecer”. Talvez eu devesse escrever sobre outro assunto. Fui procurar Yvonne Baseden, a única sobrevivente que, até então, eu sabia estar viva, para descobrir o que ela pensava.

Yvonne havia sido uma das mulheres da SOE de Vera Atkins, capturada quando tentava ajudar a resistência francesa e mandada para Ravensbrück. Ela sempre tinha falado voluntariamente sobre seu trabalho na resistência, mas toda vez que eu tocava no assunto de Ravensbrück ela dizia que “não sabia nada” e se esquivava.

Desta vez eu lhe disse que planejava escrever um livro sobre o campo, na esperança de que ela dissesse mais, mas ela me olhou horrorizada.

“Ah, não”, disse. “Você não pode fazer isso.”

Perguntei-lhe o motivo. “É horrível demais. Você não pode escrever sobre outra coisa? O que vai dizer aos seus filhos sobre o que está escrevendo?”, perguntou-me.

Ela não achava que essa história deveria ser contada? “Ah, sim. Ninguém sabe nada sobre Ravensbrück. Ninguém quis saber coisa alguma desde que regressamos”, respondeu. E olhou pela janela.

Na despedida, ela me deu um livrinho. Eram outras memórias, com uma capa particularmente monstruosa, com figuras torcidas em preto e branco. Yvonne disse que não o tinha lido e o passou para mim. Era como se o quisesse longe da sua vista.

Quando voltei para casa, a capa sinistra caiu do livro e surgiu uma capa simples, azul. Eu o li de uma vez só. A autora era uma jovem advogada francesa chamada Denise Dufournier, que escrevera um relato simples e comovente sobre a resistência improvável. A “abominação” não

PRÓLOGO

era a única parte da história de Ravensbrück que estava sendo esquecida; o mesmo ocorria com a luta pela sobrevivência.

Alguns dias depois, uma voz francesa soou na minha secretária eletrônica. Era a dra. Louise Le Porz (que agora se chamava Liard), a médica de Mérignac que eu pensava estar morta. Ela me convidou para me hospedar em sua casa em Bordeaux, onde vivia. Eu poderia ficar o tempo que quisesse, pois havia muito para conversar. “Mas você precisa se apressar. Eu tenho 93 anos.”

Pouco depois, entrei em contato com Bärbel Schindler-Saefkow, a autora do “Livro da memória”. Bärbel, filha de uma prisioneira comunista alemã, estava compilando uma base de dados das prisioneiras; viajara para muito longe a fim de reunir listas de nomes ocultos em arquivos obscuros. Ela me enviou o endereço de Valentina Makarova, uma militante bielorrussa que havia sobrevivido à marcha da morte de Auschwitz. Valentina respondeu sugerindo que eu a visitasse em Minsk.

Quando cheguei aos subúrbios mais afastados de Berlim, a neve estava amainando. Passei por uma placa que dizia Sachsenhausen, o lugar do campo de concentração para homens, o que significava que estava no caminho certo. Sachsenhausen e Ravensbrück tinham vínculos estreitos. No campo dos homens, assava-se o pão para as mulheres; os pães eram transportados diariamente por essa estrada. No início, cada mulher recebia meio pão por noite. Ao final da guerra, elas mal recebiam uma fatia, e as “bocas inúteis” — como os nazistas se referiam àquelas que pretendiam eliminar — não recebiam nada.

Os oficiais da SS, as guardas e as prisioneiras eram frequentemente deslocados de um lugar ao outro entre os campos, pois os administradores de Himmler tentavam otimizar os recursos. No início da guerra foi criada uma seção feminina em Auschwitz — e depois em outros campos para homens —, e Ravensbrück fornecia e treinava as guardas. Mais tarde, diversos homens experientes da SS em Auschwitz foram enviados a Ravensbrück. As prisioneiras também eram mandadas de um campo a outro. O resultado foi que, embora Ravensbrück tivesse uma característica distintamente feminina, compartilhava uma cultura em comum com os campos masculinos.

O império de Himmler era vasto: na metade da guerra os campos nazistas chegaram a somar 15 mil, incluindo campos de trabalho temporário e milhares de subcampos ligados aos campos de concentração principais espalhados por toda a Alemanha e a Polônia. Os maiores e mais monstruosos foram aqueles construídos em 1942, de acordo com os propósitos da Solução Final. Ao fim da guerra, cerca de 6 milhões de judeus haviam sido exterminados. Os fatos do genocídio judeu são hoje tão conhecidos e avassaladores que muita gente pensa que o programa de extermínio de Hitler consistia unicamente no Holocausto judaico.

Quem indaga sobre Ravensbrück frequentemente se surpreende ao saber que a maioria das mulheres que lá morreu não era judia.

Hoje, os historiadores estabelecem diferenças entre os campos, mas os rótulos podem confundir. Muitas vezes Ravensbrück é descrito como um campo de “trabalho escravo”, termo que diminui o horror do que ocorreu e também pode ter contribuído para a sua marginalização. Certamente foi um lugar importante de trabalho escravo — a gigantesca empresa elétrica Siemens tinha uma fábrica lá —, mas aquilo era só um estágio no caminho para a morte. À época, as prisioneiras chamavam Ravensbrück de campo da morte. Germaine Tillion, etnóloga e sobrevivente francesa, o qualificou como um lugar de “extermínio lento”.

Deixando Berlim, a estrada para o norte atravessa campos brancos antes de penetrar nos bosques. De vez em quando, eu passava por fazendas coletivas abandonadas, remanescentes da era comunista.

No meio da floresta, a neve tinha se acumulado e ficava difícil encontrar o caminho. Frequentemente as mulheres de Ravensbrück eram enviadas em meio à neve para derrubar árvores no bosque. A neve grudava nos seus tamancos de madeira e elas acabavam caminhando sobre plataformas de neve, com os tornozelos bamboleando à medida que avançavam. Cães alsacianos presos às guias pelas guardas femininas atacavam-nas se caíssem.

Os nomes das aldeias da floresta começaram a parecer familiares depois dos testemunhos que eu lera. Altglobsow era a aldeia de onde vinha Dorothea Binz, a guarda de cabelos curtos. Então apareceu o campanário

PRÓLOGO

da igreja de Fürstenberg. Do centro da cidade, o campo era quase invisível, mas eu sabia que ficava do outro lado do lago. As prisioneiras falaram que viam a torre ao cruzar os portões do campo. Passei pela estação de Fürstenberg, onde tantas viagens de trem horríveis tinham terminado. Certa noite de fevereiro, as mulheres do Exército Vermelho chegaram da Crimeia apinhadas em um vagão de gado.

Do outro lado de Fürstenberg, uma estrada empedrada — construída pelas prisioneiras — levava ao campo. À esquerda surgiram casas com telhados betumados; pelo mapa de Vera, eu sabia que nessas casas tinham vivido as guardas. Uma delas havia sido convertida em hospedaria para jovens, onde eu passaria a noite. A decoração original das guardas fora modificada havia muito tempo, substituída por adereços modernos imolutos, mas as antigas ocupantes continuavam a assombrar seus antigos aposentos.

O lago se estendia à minha direita, vasto e branco de gelo. Adiante ficava o quartel-general do comandante e um muro alto. Alguns minutos depois, parei na entrada do complexo. Adiante havia um amplo espaço pontilhado de árvores — tílias, eu soube depois, plantadas durante a construção do campo. Todos os barracões que antes estiveram sob as árvores tinham desaparecido. Durante a Guerra Fria, os russos usaram o campo como base de um regimento de tanques e derrubaram a maior parte das construções. Os soldados russos jogavam futebol no que antes fora a Appellplatz, onde as prisioneiras se alinhavam para a chamada. Eu sabia da base russa, mas não esperava tanta destruição.

O campo da Siemens, a uma centena de metros por trás da parede sul, estava tomado por vegetação e era difícil de entrar, assim como o anexo, chamado de Campo Juvenil, onde tantas mortes ocorreram. Eu teria de imaginar como eles eram, mas não precisava imaginar o frio. As prisioneiras passavam horas de pé na praça do campo com suas roupas de algodão. Procurei abrigo no bunker, a prisão de pedras do campo, cujas celas, durante a Guerra Fria, haviam sido convertidas em memorial aos comunistas mortos. Existiam listas de nomes gravadas no brilhante granito negro.

Em um dos cômodos, operários derrubavam o memorial e o redecoravam. Agora que o Ocidente se apossara novamente do lugar, historiadores e arquivistas planejavam nova narrativa e nova exibição do memorial.

Fora do campo, encontrei outros memoriais, mais íntimos. Perto do crematório havia uma passagem comprida e escura com muros altos, conhecida como a viela do fuzilamento. Existia um pequeno ramo de rosas ali; estariam mortas se não tivessem congelado. Havia uma etiqueta com um nome.

Existiam pequenos ramalhetes de flores no crematório, sobre os fornos, e algumas rosas espalhadas à beira do lago. Como o campo voltara a ser franqueado, ex-prisioneiras vinham recordar as amigas queridas. Eu precisava encontrar outras sobreviventes o quanto antes.

Compreendi então o que este livro deveria ser: uma biografia de Ravensbrück que começasse do princípio e terminasse no seu fim, juntando a história partida da melhor forma possível. O livro tentaria esclarecer os crimes nazistas contra as mulheres e, ao mesmo tempo, mostrar que a compreensão do que ocorrera no campo feminino poderia ajudar a entender a história mais ampla do nazismo.

Tantas evidências haviam sido destruídas, tanto fora esquecido e distorcido. Mas muita coisa havia sobrevivido, e novas provas vinham à tona naquele momento. As transcrições do julgamento britânico tinham sido liberadas havia muito tempo e continham uma riqueza de materiais; documentos dos julgamentos realizados por trás da Cortina de Ferro também começavam a ser franqueados. Desde o final da Guerra Fria os russos haviam aberto parte de seus arquivos, e surgiam em diversas capitais europeias depoimentos nunca antes examinados. Sobreviventes do Leste e do Oeste começavam a compartilhar as suas memórias. Os filhos das prisioneiras faziam perguntas e encontravam cartas e diários escondidos.

O mais importante neste livro seria a própria voz das prisioneiras; elas seriam o meu guia sobre o que tinha ocorrido. Alguns meses depois, durante a primavera, regressei para a cerimônia de aniversário da libertação e conheci Valentina Makarova, sobrevivente da marcha da morte de

PRÓLOGO

Auschwitz que me havia escrito de Minsk. Quando lhe perguntei como conseguira sobreviver, ela respondeu: “Porque acreditávamos na vitória”, como se isso fosse algo que eu deveria saber.

O sol apareceu brevemente quando eu estava na viela do fuzilamento. Pombos arrulhavam no alto das tílias, competindo com o ruído do trânsito ali por perto. Um carro que trazia estudantes franceses estacionou e eles pararam por ali, fumando cigarros.

Eu estava olhando para o campanário da igreja de Fürstenberg do outro lado do lago. A distância, operários moviam-se em um molhe; no verão, os visitantes passeiam nos barcos, sem saber das cinzas que jazem no fundo do lago. A brisa carregava uma rosa vermelha pelo gelo.

PARTE UM

1.

Langefeld

“O ano é 1957. A campainha do meu apartamento soa”, escreve Grete Buber-Neumann, ex-prisioneira de Ravensbrück. “Abro a porta. Uma velha está parada diante de mim, respira com dificuldade e não tem dentes na arcada inferior. Ela balbucia: ‘Você não está me reconhecendo? Sou Johanna Langefeld, a antiga guarda de Ravensbrück.’ Eu a vira pela última vez quatorze anos antes, em seu escritório do campo. Eu tinha sido sua prisioneira-secretária... Ela orava para que Deus lhe desse forças para deter o mal que ocorria, mas, se uma judia entrava no seu escritório, o seu rosto se enchia de ódio...”

“Então ela se senta à mesa comigo. Conta-me que queria ter nascido homem, fala de Himmler, que às vezes ainda chama de *‘Reichsführer’*. Fala por várias horas, confunde as datas e tenta explicar o seu comportamento.”¹

No início de maio de 1939, um pequeno comboio de caminhões surgiu em meio às árvores em uma clareira perto da pequena aldeia de Ravensbrück, bem no interior da floresta de Mecklenburg. Os caminhões passaram por um lago, onde os pneus começaram a patinar e os eixos afundaram na areia encharcada. Alguns saltaram para liberar os veículos, enquanto outros descarregavam caixas.

Uma mulher uniformada — jaqueta e saia cinzas — também desceu. Os seus pés afundaram na areia, mas ela conseguiu se livrar; subiu um

trecho do aclave e olhou ao redor. Árvores caídas jaziam à beira do lago reluzente. O ar exalava um odor de pó de serra. Fazia calor e não havia sombra. À sua direita, na margem a distância, ficava a pequena cidade de Fürstenberg. Havia casas-barco junto à margem. Podia-se ver uma torre de igreja.

No lado oposto do lago, à sua esquerda, erguia-se um grande muro cinza de uns cinco metros de altura. A trilha na floresta levava a imponentes portões de ferro à esquerda do complexo. Havia placas que diziam “Proibida a entrada de estranhos”.² A mulher — de altura média, atarracada, cabelo castanho ondulado — avançou decidida portões adentro.

Johanna Langefeld havia chegado com um pequeno grupo avançado de guardas e prisioneiros para trazer equipamentos e supervisionar o novo campo de concentração para mulheres; o campo ia abrir em poucos dias e Langefeld seria a *Oberaufseherin* — chefe da guarda feminina. Ela conhecera muitas instituições penais para mulheres, mas nenhuma como aquela.

Nos quatro anos anteriores, Langefeld trabalhara como guarda sênior em Lichtenburg, uma fortaleza medieval perto de Torgau, no rio Elba. Convertida em um campo temporário para mulheres enquanto Ravensbrück estava em construção, as celas em ruínas e os calabouços úmidos eram apertados e insalubres, inadequados para mulheres encarceradas. Ravensbrück era novo e fora construído para esse fim. O complexo ocupava cerca de 2,4 hectares, suficientemente grande para as primeiras mil mulheres esperadas, e ainda sobrava espaço.

Langefeld atravessou os portões de ferro e caminhou pela arenosa Appellplatz, a praça do campo. Do tamanho de um campo de futebol, tinha espaço bastante para reunir todo o campo ao mesmo tempo. Havia alto-falantes em postes acima da sua cabeça, embora o único som que ouvia naquele momento fosse o martelar de pregos. Os muros impediam a vista de fora, à exceção do céu.

À diferença dos campos para homens, Ravensbrück não tinha torres de vigilância ao longo dos muros nem guaritas para sentinelas armados. Mas havia uma cerca elétrica no muro do perímetro e placas ao longo da cerca exibiam uma caveira e dois ossos cruzados indicando alta voltagem.

Apenas detrás dos muros do sul, à direita de Langefeld, o solo se erguia deixando ver o topo das árvores em uma colina.

O complexo era dominado por imponentes blocos de barracões. Feitos de madeira e dispostos formando quadriculados, eles eram de um só piso com pequenas janelas e circundavam a praça do campo. Duas fileiras de blocos idênticos — embora um pouco maiores — se alinhavam a cada lado da Lagerstrasse, a rua principal.

Langefeld inspecionou os blocos um a um. Imediatamente depois dos portões, no primeiro bloco à esquerda, ficava a cantina da SS, equipada com cadeiras e mesas recentemente limpas. Também à esquerda da Appellplatz estava o *Revier* do campo, termo militar alemão que significa posto de saúde ou enfermaria. Do outro lado da praça ela entrou na casa de banhos, equipada com dezenas de chuveiros. Em um canto havia caixas com roupas de algodão listradas e, junto a uma mesa, um punhado de mulheres empilhava triângulos coloridos de feltro.

Junto à casa de banhos, sob o mesmo teto, ficava a cozinha do campo, com grandes panelas e potes de aço que brilhavam. O prédio seguinte era o depósito de roupas das prisioneiras, ou *Effektenkammer*, onde existiam grandes bolsas de papel pardo empilhadas em uma mesa, e depois estava a *Wäscherei*, a lavanderia, com seis máquinas de lavar centrífugas — Langefeld gostaria de ter algumas mais.

Ali ao lado estava sendo construído um aviário. Heinrich Himmler, o chefe da SS que administrava os campos de concentração e muitas coisas mais na Alemanha nazista, queria que os seus campos fossem autossuficientes na medida do possível. Haveria uma coelheira, um galinheiro e uma horta, além de pomar e um jardim de flores. Arbustos de groselha arrancados dos jardins de Lichtenburg e transportados em caminhões já estavam sendo replantados ali. O conteúdo das latrinas de Lichtenburg também tinha sido trazido para lá, a fim de servir de adubo. Himmler também exigia que os campos compartilhassem recursos. Como Ravensbrück não possuía fornos de pão, os pães seriam trazidos diariamente de Sachsenhausen, o campo para homens, localizado 80 quilômetros ao sul.

A *Oberaufseherin* caminhou pela Lagerstrasse, que começava na lateral da Appellplatz e levava à parte traseira do campo. Os alojamentos estavam dispostos em perfeita formação, de modo que as janelas de um

bloco davam para a parede dos fundos do outro. Aquelas seriam as “acomodações das prisioneiras, oito de cada lado da rua”. Flores vermelhas — calêndulas — tinham sido semeadas diante do primeiro bloco; mudas de tília se alinhavam em intervalos regulares entre os demais blocos.

Como em todos os campos de concentração, a disposição em quadrículas foi usada em Ravensbrück principalmente para assegurar que as prisioneiras ficassem sempre à vista, o que significava um menor número de guardas.³ Um complemento de trinta guardas femininas foi designado para o lugar, além de um destacamento de doze homens da SS, todos sob o comando geral do *Sturmbannführer* Max Koegel.

Johanna Langefeld achava que podia administrar um campo de concentração feminino muito melhor que qualquer homem, e certamente melhor do que Max Koegel, cujos métodos ela desprezava. Contudo, Himmler pensava que, em geral, Ravensbrück devia ser administrado nos mesmos moldes dos campos para homens, o que significava que Langefeld e suas guardas deveriam responder ao comandante da SS.

No papel, nem ela nem as guardas detinham qualquer posição oficial. As mulheres não só estavam subordinadas aos homens como não possuíam distintivos nem posto, e eram meras “auxiliares” da SS. A maioria não portava armas, embora algumas que vigiavam os grupos de trabalho levassem uma pistola e muitas contassem com cães. Himmler acreditava que as mulheres tinham mais medo dos cães que os homens.

Ainda assim, a autoridade de Koegel não seria absoluta. No momento, ele era apenas o comandante designado, mas certos poderes lhe haviam sido negados. Por exemplo, não existia prisão ou bunker no campo para trancafiar as transgressoras, como em todos os campos para homens. Ele tampouco podia autorizar surras “oficiais”. Irritado com essas omissões, escreveu aos seus superiores na SS solicitando maiores poderes para punir as prisioneiras, mas o pedido lhe foi negado.

Contudo, Langefeld, que acreditava mais no treinamento e na disciplina do que no espancamento, ficou satisfeita com a decisão, especialmente por ter garantido concessões importantes na administração cotidiana. Estava escrito no minucioso regulamento do campo, o *Lagerordnung*, que a chefe das guardas assessoraria o *Schutzhaftlagerführer* (subcomandante)

sobre “questões femininas”,⁴ embora não estivesse definido o que isso significava.

Entrando em um dos alojamentos, Langefeld olhou ao redor. Como muita coisa ali, as acomodações para dormir eram novas para ela; em vez das celas compartilhadas, ou dormitórios, aos que estava acostumada, mais de 150 mulheres dormiriam em cada bloco. Os interiores eram idênticos, com duas grandes divisões — A e B — a cada lado da área do lavatório, com uma fileira de doze tinas e doze pias, além do cômodo comum onde as mulheres faziam as refeições.

Os dormitórios continham beliches de três andares feitos de tábuas de madeira. Para cada prisioneira havia um colchão recheado de serragem e um travesseiro, além de um lençol e um cobertor de quadriculado azul e branco dobrado ao pé da cama.

O valor do treinamento e da disciplina tinha sido instilado em Langefeld desde a infância. Filha de um ferreiro, ela nascera Johanna May, em Kupferdreh, no vale do Ruhr, em março de 1900. Ela e a irmã mais velha foram criadas como luteranas austeras; os pais martelaram nelas a importância da frugalidade, da obediência e das orações diárias. Como qualquer boa garota protestante, Johanna sabia que seu papel na vida seria o de esposa e mãe ciosa: “*Kinder, Küche, Kirche*” — crianças, cozinha e igreja — era o credo familiar no lar dos May. Porém, desde a infância, ela ansiava por mais. Os pais também lhe falaram sobre o passado alemão. Após a igreja dominical eles repetiam a história da humilhação da ocupação francesa do seu amado Ruhr por Napoleão, e a família se ajoelhava e rezava para que Deus ajudasse a tornar a Alemanha grandiosa outra vez. Ela idolatrava sua xará Johanna Prohaska, heroína das guerras de libertação que se disfarçara de homem para lutar contra os franceses.

Johanna Langefeld contou tudo isso a Grete Buber-Neumann, a ex-prisioneira, diante de cuja porta em Frankfurt ela apareceu anos depois para “tentar explicar o seu comportamento”. Grete, detida em Ravensbrück por quatro anos, surpreendeu-se com o aparecimento, em 1957, da ex-chefe das guardas femininas e também ficou cativada pelo relato de Langefeld sobre a sua “odisseia” e o anotou.

Em 1914, quando irrompeu a Primeira Guerra Mundial, Johanna, então com 14 anos, saudou junto com os demais quando os jovens de

Kupferdreh marcharam para perseguir o sonho de tornar a Alemanha grandiosa novamente, mas descobriu que ela e todas as mulheres alemãs não tinham muito a fazer. Dois anos depois, quando ficou claro que a guerra não terminaria logo, foi dito subitamente às mulheres alemãs que deveriam ir trabalhar nas minas, fábricas e escritórios; no “front doméstico”, elas tiveram a oportunidade de provar seu valor fazendo os trabalhos dos homens, mas foram excluídas desses trabalhos quando eles regressaram.

Dois milhões de soldados alemães não voltaram das trincheiras, mas outros 6 milhões conseguiram voltar e Johanna viu quando apareceram, muitos mutilados e todos humilhados. Nos termos da rendição, a Alemanha deveria pagar indenizações que deteriorariam a economia e alimentariam a hiperinflação; em 1924 o amado Ruhr de Langefeld foi novamente ocupado pelos franceses, que “roubaram” o carvão alemão em punição pelas indenizações não pagas. Seus pais perderam as economias, ela ficou sem um tostão e procurou trabalho. Em 1924, arranhou um marido, um mineiro chamado Wilhelm Langefeld, que morreu de doença pulmonar dois anos depois.

Então, a “odisseia” de Johanna cambaleou; ela “se perdeu nos anos”, escreveu Grete. A metade da década de 1920 foi um período obscuro que ela não conseguia lembrar, exceto por uma relação com outro homem que a deixou grávida e dependente de grupos de ajuda protestantes.

Enquanto Langefeld e milhões como ela se esforçavam, outras alemãs se libertaram na década de 1920. Com o apoio financeiro dos Estados Unidos, a República de Weimar conduzida pelos socialistas estabilizou o país e firmou um novo caminho à esquerda. As mulheres tiveram direito ao voto e, pela primeira vez, uniram-se aos partidos políticos, principalmente de esquerda. Inspiradas em Rosa de Luxemburgo, líder da liga comunista espartaquista, moças da classe média, como Grete Buber-Neumann, cortaram os cabelos, assistiram a peças de Bertold Brecht e vagaram pelas florestas com seus camaradas do Wandervogel, um movimento comunista juvenil, enquanto conversavam sobre a revolução. Enquanto isso, por todo o país, mulheres das classes trabalhadoras pou-pavam dinheiro para a “Ajuda Vermelha”, afiliavam-se a sindicatos e distribuíam panfletos incitando à greve diante dos portões das fábricas.

Em 1922, em Munique, onde Adolf Hitler culpava o “excesso de judeus” pelas dificuldades alemãs, uma jovem germânica precoce chamada Olga Benário fugiu de casa⁵ para se unir a uma célula comunista, renegando a família de próspera classe média. Olga tinha 14 anos. Em poucos meses, a estudante de olhos escuros passou a liderar os camaradas em caminhadas pelos Alpes bávaros, onde mergulhavam em riachos e liam Marx em volta de fogueiras, planejando a revolução comunista alemã. Em 1928, Olga ficou famosa ao tomar de assalto o salão de audiências de uma prisão berlinense e libertar um conhecido comunista alemão que poderia ser condenado à guilhotina. Em 1929, ela deixou a Alemanha em direção a Moscou para ser treinada com a elite de Stalin, antes de partir para o Brasil com o objetivo de iniciar uma revolução.

De volta ao empobrecido vale do Ruhr, Johanna Langefeld era mãe solteira sem futuro. A quebra da bolsa em Wall Street, em 1929, provocou uma depressão mundial e jogou a Alemanha em uma crise econômica ainda maior e mais profunda, criando milhões de desempregados e uma inquietação generalizada. O maior medo de Langefeld era que seu filho, Herbert, lhe fosse tomado caso ela caísse na indigência. Em vez de se juntar aos despossuídos, porém, ela preferiu ajudá-los recorrendo a Deus. “Foi a convicção religiosa que a levou a trabalhar com os mais pobres dentre os pobres”, como contou a Grete muitos anos depois, à mesa da cozinha. Ela encontrou trabalho junto ao serviço de bem-estar social, ensinando prendas domésticas a mulheres desempregadas e “reeducando prostitutas”.⁶

Em 1933, Johanna Langefeld encontrou um novo salvador em Adolf Hitler.⁷ O programa dele para as mulheres não podia ser mais claro: as alemãs deviam ficar em casa, criar tantas crianças arianas quanto fosse possível e obedecer aos seus maridos. As mulheres não haviam sido talhadas para a vida pública; a maior parte dos empregos lhes foi negado e tiveram limitado o acesso à universidade.

Estas atitudes eram correntes em qualquer país europeu na década de 1930, mas a linguagem nazista sobre as mulheres era singularmente tóxica; o entourage de Hitler, além de escarnecer abertamente do sexo feminino “estúpido” e “inferior”, exigia reiteradamente a “separação” entre mulheres e homens, como se estes não vissem sentido nas mulheres, exceto como

adornos ocasionais e, claro, como parideiras.* Os judeus não eram os únicos bodes expiatórios dos males da Alemanha: as mulheres que haviam se emancipado durante os anos da República de Weimar foram acusadas de tomar empregos dos homens e corromper o moral do país.

No entanto, Hitler tinha o poder de seduzir milhões de alemãs que ansiavam por um “homem duro como o aço” que restaurasse o orgulho e a ordem no Reich. Estas admiradoras, muitas delas profundamente religiosas e inflamadas pela propaganda antissemita de Joseph Goebbels, participaram do comício da vitória em Nuremberg, em 1933, quando o repórter americano William Shirer se misturou à multidão. “Hitler entrou hoje nesta cidade medieval ao cair da tarde, e passou por sólidas falanges de nazistas que o saudavam fragorosamente [...] Dezenas de milhares de bandeiras com a suástica bloqueavam a vista das belezas do lugar [...]” Mais tarde, naquela noite, diante do hotel de Hitler: “Fiquei um pouco chocado com as expressões, principalmente das mulheres [...] Elas o fitavam como se ele fosse o Messias [...]”⁸

É quase certo que Langefeld tenha votado em Hitler. Ela desejava reparar a humilhação do país. E via com bons olhos o novo “respeito à vida familiar” proclamado por Hitler. Langefeld tinha motivos pessoais para ser grata ao novo regime: pela primeira vez possuía um emprego estável. Para as mulheres, particularmente as mães solteiras, a maioria das carreiras estava interdita, exceto a que ela escolhera. Do serviço de assistência social ela havia sido promovida ao serviço carcerário. Em 1935, foi novamente promovida ao cargo de *Hausmutter* em Brauweiler, um abrigo de trabalho para prostitutas perto de Colônia. O emprego veio com um teto e cuidados gratuitos para Herbert.

Contudo, enquanto esteve em Brauweiler, parece que ela não aceitou todos os métodos nazistas para ajudar “os mais pobres dentre os pobres”. Em julho de 1933, foi aprovada a Lei para Prevenir Doenças Hereditárias, que legalizou a esterilização em massa como medida para eliminar os fracos, desocupados, criminosos e insanos. O Führer acreditava que todos estes degenerados minavam os cofres públicos, e deveriam ser removidos

* Os nazistas citavam estudos científicos demonstrando que as mulheres possuíam cérebros menores que os dos homens e, portanto, eram obviamente inferiores.

da cadeia da hereditariedade de modo a fortalecer o *Volksgemeinschaft*, a comunidade de germânicos de puro sangue. O diretor de Braunweiler, Albert Bosse, declarou em 1939 que 95% das suas prisioneiras eram “incapazes de melhorar e devem ser esterilizadas por razões morais e para manter a saúde do *Volk*”.

Em 1937 Bosse demitiu Langefeld. Uma das razões que constam nos registros de Brauweiler é roubo, mas é muito provável que tenha sido para encobrir a oposição dela aos seus métodos. Os registros mostram também que até aquele momento Langefeld ainda não se filiara ao Partido Nazista, um dever exigido de todos os funcionários da prisão.

O “respeito” de Hitler pela vida familiar nunca enganou Lina Haag, mulher de um comunista membro do parlamento em Württemberg. Assim que ouviu no rádio que Hitler havia sido eleito chanceler, em 30 de janeiro de 1933, percebeu que a nova polícia, a Gestapo, levaria seu marido: “Nas nossas reuniões, alertamos o país contra Hitler. Esperávamos um levante popular, mas isso não ocorreu.”

Então, no dia 31 de janeiro, Lina e o marido estavam dormindo quando, às 5h da manhã, os brutamontes chegaram. A caça aos vermelhos tinha começado. “Correias, revólveres, cassetetes. Eles pisotearam a roupa de cama limpa com um zelo repulsivo. Nós não éramos estranhos — eles nos conheciam e nós os conhecíamos. Eram homens-feitos, concidadãos, vizinhos e pais de família. Gente comum. E agora nos olhavam cheios de ódio, apontando suas pistolas.”

O marido de Lina começou a se vestir. Por que ele vestiu o casaco tão rapidamente? Pensava sair sem dizer uma palavra?

“O que houve?”, perguntou ela.

“Nada”, respondeu ele dando de ombros.

“Ele é um membro do parlamento”, gritou ela aos policiais munidos de cassetetes. Eles riram.

“Ouviram isso? Comunista, isso é o que você é. Mas agora vamos nos livrar de vermes como você.”

Lina afastou Katie, de 10 anos, a filha do casal que chorava, da janela quando o pai se foi. “Pensei que as pessoas não fossem suportar aquilo por muito tempo”, disse Lina.⁹

Quatro semanas mais tarde, em 27 de fevereiro de 1933, enquanto Hitler lutava para afirmar o poder do partido, o parlamento alemão, o Reichstag, foi incendiado. A culpa recaiu sobre os comunistas, embora muitos suspeitassem de que o fogo tivesse sido provocado por criminosos nazistas como pretexto para aterrorizar os oponentes políticos no país. Hitler imediatamente emitiu um decreto denominado “detenção preventiva”, o que significava que qualquer um poderia ser detido por “traição” e encarcerado por tempo indefinido. Cerca de 16 quilômetros ao norte de Munique, um campo novo estava a ponto de ser inaugurado para receber os “traidores”.

Aberto em 22 de março de 1933, Dachau foi o primeiro campo de concentração nazista. Nas semanas e meses seguintes, a polícia de Hitler caçou todos os comunistas e suspeitos de serem comunistas e os confinou lá para esmagá-los. Os social-democratas também foram arrebanhados, junto com os sindicalistas e outros “inimigos do Estado”.

Alguns dos detidos eram judeus, principalmente entre os comunistas, mas nos primeiros anos do domínio nazista as detenções de judeus não foram significativas; as pessoas encarceradas nos primeiros campos de concentração foram detidas, assim como as outras, por resistirem a Hitler, e não por sua raça. No início, o único objetivo dos campos de Hitler era esmagar a oposição interna alemã; só depois disso outros objetivos seriam perseguidos. A tarefa foi dada ao homem mais adequado para tal: Heinrich Himmler, chefe da SS e, em breve, chefe de polícia, inclusive da Gestapo.

Heinrich Luitpold Himmler era um chefe de polícia improvável. Fisicamente débil e rechonchudo, tinha o rosto sem queixo e pálido, com óculos de aros dourados apoiados no nariz afilado. Nascido em 7 de outubro de 1900, o segundo de três meninos, era filho de Gebhard Himmler, vice-diretor de uma escola perto de Munique. As noites no confortável apartamento da família eram passadas ajudando o pai com a sua coleção de selos ou ouvindo lendas sobre as aventuras heroicas do avô soldado, enquanto a mãe adorada, católica fervorosa, costurava em um canto.

O jovem Heinrich se destacara na escola, mas era tão dedicado que costumava sofrer *bullying*; no ginásio esportivo, mal alcançava as barras

paralelas, e os instrutores o torturavam fazendo-o ajoelhar-se enquanto os colegas observavam e caçoavam dele. Anos depois, nos campos de concentração masculinos, Himmler introduziu uma tortura em que os prisioneiros eram acorrentados juntos em um círculo e forçados a pular e se ajoelhar até cair, quando eram chutados até se levantarem, para depois despencarem para sempre.

Ao terminar a escola, o sonho de Himmler era entrar para o Exército; porém, embora tenha servido brevemente como cadete, a saúde frágil e a vista ruim o excluíram do curso de oficiais. Em vez disso, estudou agricultura, criou galinhas e se deixou levar por outro sonho romântico — o retorno da *Heimat*, a Pátria Germânica —, além de desfrutar do tempo livre em caminhadas pelos seus amados Alpes, frequentemente com a mãe, ou estudando astrologia e genealogia, enquanto anotava em um diário os detalhes mais triviais da vida cotidiana. “Os pensamentos e preocupações espantam uns aos outros na minha mente”, queixou-se.

Ao final da adolescência, Himmler se repreendia por suas inadequações sociais e sexuais. “Sou um tagarela miserável”, escreveu, e, no que se referia ao sexo, “Estou me controlando com um freio de ferro”.¹⁰ Na década de 1920, afiliou-se à Sociedade Thule, associação exclusivamente masculina de Munique, que debatia as raízes da supremacia ariana e a ameaça dos judeus. Ele também foi bem recebido nas unidades paramilitares de ultradireita em Munique. “É tão bom voltar a usar uniforme”, escreveu. Nas fileiras do Partido Nacional Socialista (Nazista), as pessoas começaram a comentar sobre ele: “Heinrich vai dar um jeito.” Sua habilidade organizacional e atenção ao detalhe eram ímpares e ele se mostrava capaz de antecipar os desejos de Hitler. Era útil, descobriu, ser “astuto como uma raposa”.

Em 1928, Himmler se casou com uma enfermeira chamada Margarete Boden, sete anos mais velha. Tiveram uma filha, Gudrun. A sorte profissional de Himmler também prosperou e, em 1929, ele foi nomeado chefe da SS (*Schutzstaffel*), destacamento paramilitar criado por Hitler como sua guarda pessoal. Quando Hitler subiu ao poder, em 1933, Himmler tinha transformado a SS em força de elite. Uma de suas tarefas era dirigir os novos campos de concentração.

Hitler propôs que os campos fossem usados para internar e esmagar a oposição, usando como modelo os campos de concentração criados pelos britânicos para detenções em massa durante a Guerra dos Bôeres de 1899–1902. O estilo dos campos nazistas, porém, foi estabelecido por Himmler, que buscou pessoalmente o local para o protótipo de Dachau. Ele também escolheu o comandante do primeiro campo, Theodor Eicke, que se tornou chefe das unidades “Caveira da Morte”, como eram conhecidos os destacamentos de guardas da SS nos campos de concentração. Himmler encarregou Eicke de criar um plano de ação para aterrorizar todos os “inimigos do Estado”.

Foi exatamente o que Eicke fez em Dachau ao criar uma escola para os homens da SS — que o chamavam de “Papa Eicke” — e “endurecê-los” antes de irem para outros campos. Endurecer significava que aqueles homens deviam aprender a jamais demonstrar fraqueza diante do inimigo e apenas “mostrar os dentes” —¹¹ em outras palavras, odiar. Dentre os primeiros recrutas estava Max Koegel, futuro comandante de Ravensbrück, que foi a Dachau em busca de trabalho após uma curta passagem pela prisão por apropriação indébita.

Nascido na cidade serrana de Füssen, ao sul da Baviera, famosa por sua *lutherie* e pelos castelos góticos, Koegel era filho de um pastor montanhês. Órfão aos 12 anos, passou a infância pastoreando nos Alpes antes de buscar trabalho em Munique, onde foi atraído pelas sociedades “*völkische*” de ultradireita, e se filiou ao Partido Nazista em 1932. “Papa Eicke” logo encontrou uso para Koegel, na ocasião com 38 anos, cuja dureza fora profundamente cinzelada.

Em Dachau, Koegel se mesclou a outros homens da SS, como Rudolf Höss, outro recruta de primeira hora, que chegou a ser comandante de Auschwitz e também atuou em Ravensbrück. Mais tarde, Höss recordou-se afetuosamente dos seus dias em Dachau e falou dos quadros da SS que aprenderam a “amar” Eicke e nunca esqueceram as suas regras, “que se fixaram e passaram a fazer parte da sua carne e sangue”.

O sucesso de Eicke foi tal que logo vários outros campos foram criados segundo o modelo de Dachau. Contudo, naquela época nem Eicke, Himmler ou quem quer que fosse tinha contemplado a ideia de um campo

de concentração para mulheres; as opositoras de Hitler não eram suficientemente levadas a sério para serem consideradas uma ameaça.

Certamente milhares de mulheres foram detidas nos expurgos de Hitler. Muitas haviam se liberado nos anos de Weimar — sindicalistas, médicas, professoras, jornalistas. Com frequência, eram comunistas ou esposas de comunistas. Ao serem detidas, eram maltratadas, mas não eram levadas para campos ao estilo de Dachau, nem havia a ideia de abrir seções femininas nos campos masculinos. Em vez disso, eram confinadas em cárceres femininos ou em casas de trabalho para pobres convertidas, cujos regimes eram rígidos, mas não intoleráveis.

Muitas prisioneiras políticas foram levadas a Moringen, uma casa de trabalho reformada perto de Hanover. As 150 mulheres que lá estiveram em 1935 passavam a noite em dormitórios sem trancas e as guardas lhes prestavam serviços, como comprar lã para tricotar. Máquinas de costura soavam na sala. Uma mesa de “notáveis” ficava à parte das demais, dentre elas membros importantes do Reichstag e esposas de industriais.

Contudo, como Himmler calculara, as mulheres podiam ser torturadas de uma forma diferente dos homens; para a maior parte delas, o simples fato de os maridos serem assassinados e de seus filhos serem levados embora — em geral para orfanatos nazistas — era suficientemente doloroso. A censura impedia que buscassem ajuda.

Ao saber que o marido, um membro comunista do Reichstag, havia sido torturado até morrer em Dachau e que seus filhos tinham sido levados para um orfanato nazista, Barbara Fürbringer tentou alertar a irmã nos Estados Unidos:

Querida irmã,

Infelizmente estamos mal. Theodor, meu amado esposo, morreu subitamente em Dachau há quatro meses. Nossos três filhos foram colocados em um abrigo estatal em Munique. Estou no campo de mulheres em Moringen. Já não tenho um tostão.

A censora rejeitou a carta, então ela escreveu novamente:

Querida irmã,

Infelizmente, as coisas não estão saindo como esperávamos. Theodor, o meu amado esposo, morreu há quatro meses. Nossos três filhos vivem em Munique, 27 Berner Strasse, e eu vivo em Moringen, perto de Hanover, 32 Breite Strasse. Ficaria agradecida se você pudesse me enviar um pouco de dinheiro.¹²

Himmler também calculou que, se a repressão aos homens fosse suficientemente atroz, todos terminariam por ceder. Isso provou ser em grande parte verdade, como viria logo observar Lina Haag, detida duas semanas depois do marido e trancafiada em outra prisão: “Ninguém viu aonde estávamos indo? Ninguém enxergou por trás da demagogia desavergonhada dos artigos de Goebbels? Eu conseguia ver até através dos espessos muros da prisão; no entanto, do lado de fora cada vez mais gente se sujeitava.”

Em 1936, não só a oposição política tinha sido totalmente eliminada, como as instituições humanitárias e as igrejas alemãs haviam se submetido. O movimento da Cruz Vermelha alemã fora cooptado pela causa nazista; nos comícios, a bandeira da Cruz Vermelha era desfraldada lado a lado com a suástica, e o guardião da Convenção de Genebra, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, tinha inspecionado os campos de Himmler — ou, ao menos, os blocos para exibição — e dado o seu selo de aprovação. As capitais ocidentais europeias se desinteressaram pelo assunto, alegando que os campos de concentração e as prisões nazistas eram um assunto interno alemão. Em meados da década de 1930, a maioria dos líderes ocidentais continuava acreditando que a maior ameaça à paz mundial era o comunismo, e não a Alemanha nazista.

Contudo, apesar da ausência de uma oposição significativa no país ou no estrangeiro, no início do seu governo o Führer acompanhou cuidadosamente a opinião pública. Ao discursar em um centro de treinamento da SS, em 1937, ele afirmou: “Sei que nunca posso dar um passo do qual precise retroceder. É necessário ter faro para perceber a situação e se perguntar: ‘Até onde posso ir e quando não devo me arriscar?’”¹³

Até o movimento contra os judeus alemães teve um início mais lento do que o desejado por muitos no partido. Nos primeiros anos, Hitler

decretou leis para vetar aos judeus os empregos e a vida públicos, deslanchando ódio e perseguição, mas levaria certo tempo, pensava, para ir além disso. Himmler também tinha “faro” para perceber as situações.

Em novembro de 1936, o *Reichsführer-SS*, que então não só era chefe da SS como chefe de polícia, teve de lidar com uma tormenta internacional em torno de uma comunista alemã tirada de um vapor no cais de Hamburgo e levada diretamente para as mãos espalmadas da Gestapo. Ela estava no oitavo mês de gravidez. Tratava-se de Olga Benário. A moça de Munique de pernas compridas que havia fugido de casa para se tornar comunista tinha então 35 anos e estava a ponto de se converter em *cause célèbre* dos comunistas de todo o mundo.

Depois de passar por um treinamento em Moscou no início da década de 1930, Olga havia sido escolhida pelo Comintern (a organização comunista internacional) e, em 1935, foi enviada por Stalin para ajudar a planejar um golpe contra o presidente brasileiro Getúlio Vargas. O líder da operação era o lendário rebelde Luiz Carlos Prestes. A insurreição deveria deslancar uma revolução comunista no maior país da América do Sul e dar a Stalin um ponto de apoio nas Américas. Contudo, o plano foi frustrado por informações da inteligência britânica, Olga foi detida e, junto com a também conspiradora Elise Ewert, foi enviada a Hitler “como presente”.^{*14}

Do porto de Hamburgo, Olga foi levada para a prisão na Barnimsstrasse, em Berlim, onde, quatro semanas depois, deu à luz uma menina, Anita. Comunistas de todo o mundo lançaram uma campanha para libertá-las. O caso atraiu ampla atenção, principalmente porque o pai da bebê era o famoso Luiz Carlos Prestes, líder do golpe fracassado; o casal tinha se apaixonado e se casado no Brasil. A coragem de Olga e sua beleza morena e graciosa contribuíram para a comoção que a história provocou.

Este tipo de publicidade negativa no exterior era indesejado, especialmente porque as Olimpíadas de Berlim ocorreriam naquele ano e muito

* A inteligência britânica frustrou também uma tentativa dos manifestantes comunistas de resgatar Olga do vapor quando este aportou em Southampton, a caminho de Hamburgo. Moscou havia alertado o Partido Comunista britânico em Londres, ordenando a organização de protestos no cais, mas o sinal foi interceptado pelo MI6 e o vapor foi direto para a Alemanha, sem atracar em nenhum porto.

tinha sido feito para limpar a imagem do país.^{*15} No início, os chefes da Gestapo de Himmler tentaram diluir a questão ao propor que a bebê fosse entregue à mãe judia de Olga, Eugenia Benário, que ainda vivia em Munique, mas a avó não quis a criança: há muito ela havia repudiado a filha comunista e agora repudiava também a criança. Himmler então permitiu que a mãe de Prestes, Leocádia, levasse Anita, e em novembro de 1937 a avó brasileira foi buscar a bebê na prisão de Barnimstrasse. Espoliada, Olga ficou sozinha na cela.

Ao escrever para Leocádia, ela explicou que não tivera tempo de se preparar para a separação: “Perdoe-me pelo estado das coisas de Anita. Você recebeu a minha descrição da sua rotina e da sua tabela de peso? Fiz a tabela o melhor que pude. Os seus órgãos internos estão bem? E os ossos — as suas perninhas? Talvez, no primeiro ano de vida, ela sofra devido às circunstâncias extraordinárias da minha gravidez.”¹⁶

Em 1936, o número de mulheres nas prisões alemãs começara a aumentar. A despeito do terror, as mulheres alemãs continuavam a operar na clandestinidade, muitas inspiradas pela eclosão da Guerra Civil Espanhola. Dentre as que foram levadas para o “campo” feminino de Moringen em meados dos anos de 1930, havia mais comunistas e ex-membros do Reichstag, além de mulheres que operavam em grupos minúsculos ou por conta própria, tais como Gerda Lissack, artista plástica com deficiência física que desenhava panfletos antinazistas. Ilse Gostynski, jovem judia que ajudava a imprimir em sua gráfica artigos atacando o Führer, foi presa por engano. A Gestapo procurava a sua irmã gêmea, Else, que estava em Oslo preparando rotas de fuga para crianças judias, mas acabaram levando Ilse.

Em 1936, quinhentas donas de casa alemãs chegaram a Moringen portando Bíblias e com as cabeças cobertas por lenços brancos imaculados. Testemunhas de Jeová, elas haviam protestado quando os seus maridos foram convocados para o exército. Diziam que Hitler era o anticristo. Deus era o senhor do universo, e não o Führer. Os seus ma-

* Por exemplo, todos os ciganos de Berlim haviam sido reclusos ante do início das Olimpíadas. Para removê-los das vistas do público, eles foram levados para um amplo campo construído em um pântano no subúrbio berlinense de Marzhan.

ridos e outros homens que também eram testemunhas de Jeová foram levados para o mais novo campo de Hitler, Buchenwald, onde receberam 25 chicotadas com chibatas de couro. Himmler sabia que nem mesmo os seus homens da SS estavam suficientemente endurecidos para subjugar as donas de casa alemãs, por isso em Moringen essas mulheres apenas tiveram as suas Bíblias confiscadas pelo diretor da prisão, um amável soldado que mancava.

Em 1937, a aprovação de uma lei contra a “*Rassenschande*” — literalmente “vergonha da raça” — que proibia relações entre judeus e não judeus trouxe uma nova leva de mulheres judias para Moringen. Na segunda metade de 1937, as internas perceberam o súbito aumento no número de mulheres sem lar, trazidas “mancando, algumas usando muletas, muitas cuspiendo sangue”; em 1938 chegaram levadas de prostitutas.

Else Krug trabalhava como de costume quando um grupo de policiais de Düsseldorf esmurrou a porta do número 10 da Corneliustrasse gritando para que ela a abrisse; eram 2h da manhã do dia 30 de julho de 1938. As batidas policiais não eram novidade e Else não tinha razão para temer, embora ultimamente elas fossem mais frequentes. Segundo a lei nazista, a prostituição era legal, mas a polícia podia usar qualquer desculpa; talvez alguma mulher tivesse faltado ao exame de sífilis, ou talvez um oficial buscasse informações sobre uma nova célula comunista nas docas de Düsseldorf.

Vários policiais da cidade conheciam pessoalmente aquelas mulheres. Else Krug era muito procurada, fosse por seus serviços particulares — ela exercia o sadomasoquismo —, fosse por suas fofocas; ela mantinha os ouvidos atentos. Era também popular nas ruas; sempre recebia moças quando podia, especialmente quando a desamparada era nova na cidade. Assim Else havia chegado às ruas de Düsseldorf dez anos antes — sem trabalho, longe de casa e sem um tostão.

Logo ficou claro, no entanto, que a batida de 30 de julho era diferente de todas as outras em Corneliustrasse. Clientes aterrorizados agarraram o que puderam de suas coisas e correram seminus noite afora. Uma batida semelhante ocorreu simultaneamente em um endereço próximo, onde Agnes Petry trabalhava. O marido de Agnes, um cafetão local, também

foi detido. Após outra varrida em Bahndamm, os policiais reuniram um total de 24 prostitutas e às 6 horas todas estavam atrás das grades, sem data para serem liberadas.

Também na delegacia elas foram tratadas de um modo diferente. O encarregado de plantão — um tal sargento Peine — conhecia a maior parte das mulheres, as quais muitas vezes passavam a noite nas celas, e, tomando o grande livro preto de registros, fichou-as cuidadosamente, como sempre, anotando nomes, endereços e pertences. Na coluna “razão da detenção”, contudo, Peine anotou ciosamente “*Asoziale*”, antissocial,¹⁷ ao lado de cada nome — palavra que nunca havia usado. Ao final da coluna, também pela primeira vez, escreveu em vermelho: “Transporte.”

As batidas nos prostíbulos de Düsseldorf se repetiram por todo o país no ano de 1938, quando o expurgo nazista das indesejáveis classes marginalizadas passou a novo estágio. Um programa chamado “*Aktion Arbeitscheu Reich*” (Ação contra os desocupados) havia sido inaugurado, e seu alvo eram os socialmente marginalizados. De um modo pouco perceptível no estrangeiro e com subnotificação na Alemanha, mais de 20 mil supostos “antissociais” — vagabundos, prostitutas, desocupados, mendigos e ladrões — foram detidos e enviados a campos de concentração.

Em meados de 1938, ainda faltava um ano para a guerra, mas na Alemanha a batalha contra os indesejados nacionais tinha sido deflagrada. O Führer fez saber que o país precisava ser “puro e forte” enquanto se preparava para a guerra, e por isso aquelas “bocas inúteis” deviam ser removidas. Desde que Hitler subira ao poder, tivera início a esterilização em massa de doentes mentais e degenerados sociais. Em 1936, ciganos foram encerrados em reservas perto das grandes cidades. Milhares de “criminosos contumazes” foram enviados a campos de concentração sem processo legal em 1937. Hitler autorizou as medidas, mas quem as instigou foi Heinrich Himmler, chefe de polícia e comandante da SS. Foi Himmler também quem, em 1938, conclamou para que os “antissociais” fossem confinados em campos de concentração.

O momento era significativo. Muito antes de 1937, os campos, a princípio criados para remover a oposição política, tinham começado a ser esvaziados. Detidos nos primeiros anos do governo de Hitler, os comunistas, social-democratas e outros foram amplamente esmagados e a maioria

enviada de volta para casa como homens desalentados. Himmler, que se opusera a essas libertações em massa, percebeu que o seu império corria o risco de entrar em declínio e buscou novos usos para seus campos.

Até então, ninguém havia sugerido seriamente usar os campos de concentração para nada além de conter a oposição política, mas ao enchê-los de criminosos e marginalizados Himmler pôde voltar a expandir o seu império. Ele se considerava muito mais do que um chefe de polícia; o interesse pela ciência — e quaisquer experimentos que pudessem ajudar a criar a raça ariana perfeita — sempre foi o seu principal objetivo. Ao trazer aqueles degenerados para os campos, ele começou a garantir um papel central para si no experimento mais ambicioso do Führer, que era limpar o acervo genético alemão. Além disso, os novos prisioneiros constituíam uma reserva de mão de obra para a reconstrução do Reich.

Agora, a natureza e o propósito dos campos de concentração iriam mudar. Com a diminuição do número de prisioneiros políticos, os marginalizados começaram a chegar para substituí-los. Na primeira leva havia tantas mulheres — prostitutas, delinquentes, desabrigadas — quanto homens.

Uma nova geração de campos de concentração entrava então em construção com outro fim. Com o abarrotamento e o alto custo de Moringen e de outras prisões, Himmler propôs um campo de concentração para mulheres. Em algum momento de 1938, ele reuniu seus assessores para discutir os locais possíveis. Houve uma sugestão, provavelmente do seu amigo *Gruppenführer* Oswald Pohl, administrador sênior da SS, de que o novo campo fosse construído no distrito do lago Mecklenburg, junto a uma aldeia chamada Ravensbrück. Pohl conhecia a área porque tinha uma propriedade por lá.

Mais tarde, Rudolf Höss alegou que teria advertido Himmler de que o local era pequeno demais:¹⁸ o número de mulheres certamente cresceria, especialmente com a eclosão da guerra. Outros apontaram que o local era pantanoso e levaria tempo demais para construir o campo. Himmler descartou as objeções. A apenas 80 quilômetros ao norte de Berlim, era conveniente para as inspeções, e ele frequentemente passava por ali para visitar Pohl ou um amigo de infância, o famoso cirurgião da SS Karl

Gebhardt, diretor da clínica Hohenlychen, situada a poucos quilômetros de Ravensbrück.

Assim, Himmler ordenou que prisioneiros do campo de concentração de Sachsenhausen, nas redondezas de Berlim, iniciassem a construção em Ravensbrück o mais breve possível. Entrementes, o campo masculino em Lichtenburg, perto de Torgau, que estava meio vazio, seria desocupado e o restante dos homens levado ao novo campo de Buchenwald, aberto em julho de 1937. As mulheres que seriam enviadas ao novo campo ficariam em Lichtenburg durante a construção de Ravensbrück.

Em um vagão de trem gradeado, Lina Haag não sabia aonde ia. Após quatro anos em uma cela de prisão, ela e muitas outras ouviram que iriam “no transporte”. Passadas algumas horas, o trem se detinha em alguma estação, mas as cidades — Frankfurt, Stuttgart, Mannheim — não davam muitas pistas. Lina via “gente comum” nas plataformas — visão que não tivera por muitos anos — e elas olhavam de volta “aquelas figuras fantasmagóricas de olhos fundos e o cabelo sem viço”. À noite as mulheres eram levadas para prisões locais. Lina se horrorizou com as guardas. “Era inconcebível que, diante de tanto sofrimento, elas pudessem fofocar e rir nos corredores. A maioria é devota, mas com um tipo de piedade peculiar. Parecem esconder-se detrás de Deus, envergonhadas da própria maldade.”

As mulheres da casa de trabalho de Moringen subiram ao trem e se apinharam em estado de choque. Uma médica chamada Doris Maase¹⁹ foi trazida de Stuttgart junto com um monte de prostitutas de Düsseldorf. Doris, descrita na ficha da Gestapo como “estudante vermelha”, possuía um pedaço de pente, que emprestou a Lina. Ao redor, as “rameiras” e “bruxas” gargalhavam, embora, como Lina confessou a Doris, depois de quatro anos na prisão, ela provavelmente também parecia uma “rameira”.

A SS estava à espera delas em Lichtenburg, com luvas de napa e portando revólveres. Johanna Langefeld também esperava. Depois de ser demitida da casa de trabalho de Brauweiler, ela fora recontratada pelo escritório de Himmler e promovida a guarda em Lichtenburg. Mais tarde, alegaria que só aceitara o emprego na crença de que outra vez poderia cumprir a sua vocação²⁰ para “reeducar prostitutas”, o que obviamente era mentira: ela fora promovida e teria mais dinheiro e alojamento para

si e o filho. De qualquer modo, Brauweiler já mostrara a Langefeld que as prostitutas e outros marginalizados seriam eliminados da sociedade, e não reeducados.

Helen Krofges, de quem Langefeld provavelmente se lembrava da casa de trabalho, também foi para Lichtenburg. Krofges havia sido pela primeira vez encarcerada em Brauweiler por não conseguir manter os filhos. Agora estava em Lichtenburg por ser “incapaz de melhorar”, segundo a sua ficha policial e, “devido ao seu modo de vida imoral e antissocial, a *Volksgemeinschaft* [a comunidade racialmente pura] deve ser protegida de gente como ela”.²¹

Até o oficial que fichou as mulheres em Lichtenburg não via sentido em trancafiar aquelas desajustadas. Agnes Petry, do grupo de Düsseldorf, chegou “sem um tostão”, anotou ele na ficha. Tudo o que possuía era uma fotografia do marido. A palavra “*Stutze*” foi anotada na sua ficha, indicando que era alguém “dependente do Estado”. “Ela poderia ser enviada de volta?” perguntou em uma carta ao chefe de polícia de Düsseldorf. “Terá alguém no mundo que a ajude?”

Fazia muito que Lina Haag deixara de esperar que alguém a ajudasse. A Áustria tinha sido anexada em 12 de março de 1938, e pouco depois as resistentes austríacas começaram a chegar à fortaleza, dentre elas uma médica, uma cantora de ópera e uma carpinteira; todas haviam sido espancadas e humilhadas. “Se o mundo não protestava nem contra a brutal anexação de territórios estrangeiros, como iria protestar contra o espancamento de um punhado de mulheres infelizes que tinham se rebelado contra isso?”, perguntava-se Lina.

Houve um pouco de esperança com a notícia de que Olga Benário, um nome dos dias gloriosos da resistência comunista, estava na fortaleza. Ela chegara sozinha de Berlim em um carro da Gestapo, e fora escoltada até o calabouço de Lichtenburg. Camaradas comunistas conseguiram fazer contato e a viram abatida com a separação recente da filha. Às escondidas, enviaram-lhe mensagens e pequenos presentes. Algumas sonhavam escapar, recordando o assombroso sequestro na corte em 1928, mas Lina Haag escreveu que “não fazia sentido” tentar coisa alguma. “O Führer sempre está acima de tudo e somos apenas pobres infelizes — totalmente esquecidas, umas pobres diabos...”²² Uma trapezista cigana

chamada Katharina Waitz tentou escalar os muros da fortaleza. Foi capturada e espancada. O comandante de Lichtenburg, Max Koegel, gostava de bater. Lina escreveu que em um dia de Páscoa ele surrou três mulheres nuas “até ficar exausto”.

Em 1º de outubro de 1938, quando as forças nazistas tomaram os Sudetos, Koegel ordenou torturar as prisioneiras com jatos de água. Elas tinham sido convocadas ao pátio para ouvir o discurso de vitória do Führer, mas as testemunhas de Jeová se recusaram a descer as escadas, então os guardas as forçaram e arrastaram as mais velhas pelos cabelos. Quando o ritmo prussiano soou, alguém sussurrou “a guerra está chegando” e subitamente a fortaleza irrompeu, as testemunhas de Jeová começaram a gritar histericamente e se ajoelharam para rezar. Os guardas as golpearam e a multidão reagiu. Koegel ordenou que disparassem jatos de água nas prisioneiras que oravam e elas correram, mas foram derrubadas, subjugadas e atacadas pelos cães. Agarradas umas às outras, elas quase se afogaram, “como ratos molhados”,²³ escreveu Marianne Korn, uma das fiéis.

Pouco depois da revolta, Himmler visitou a fortaleza para se certificar de que a ordem tinha sido restaurada.²⁴ O *Reichsführer-SS* inspecionou Lichtenburg diversas vezes e exibiu as prisioneiras à chefe do movimento nazista feminino, Gertrud Scholtz-Klink. Durante as visitas, ele às vezes autorizava a soltura de algumas. Certo dia libertou Lina Haag, com a condição de que ela nunca mencionasse o tratamento que recebera.

Himmler também inspecionava as guardas. Ele deve ter reparado que Johanna Langefeld possuía certa autoridade — e a habilidade de controlar as prisioneiras sem muito esforço — e a nomeou futura chefe da guarda de Ravensbrück.

As crianças locais foram as primeiras a descobrir que algo estava em construção na margem norte do Schwedtsee — ou lago Schwedt —, mas quando contaram aos seus pais ouviram que não deveriam falar sobre isso. Até 1938 as crianças brincavam em um terreno baldio onde o bosque era mais ralo e o lago era suficientemente raso para o banho. Até que a área foi interdita. Nas semanas seguintes, os habitantes de Fürstenberg — a aldeia de Ravensbrück era um pequeno subúrbio da cidade — viram barcaças trazendo materiais de construção pelo rio Havel. As

crianças contaram aos pais que tinham visto homens de uniformes listrados derrubando árvores.

Localizada 80 quilômetros ao norte de Berlim, ao sul do distrito lacustre de Mecklenburg, Ravensbrück era um bom lugar para um campo de concentração, como Himmler percebera em 1938. O acesso por ferrovia e pelo rio era bom. Fürstenberg, assentada entre os lagos Rößlinsee, Baalensee e Schwedtsee, fica junto ao rio Havel, que se divide em diversos canais ao atravessar a cidade.

Outro fator que influenciou a escolha foi sua localização em uma área de belezas naturais. Himmler acreditava que a limpeza do sangue alemão ocorreria junto à natureza, e que as forças revigorantes das florestas tinham um papel central na mitologia da *Heimat* — o território germânico. Buchenwald — que significa “floresta de faias” — se situava em uma famosa área de bosques perto de Weimar, e vários campos foram construídos deliberadamente em meio a belas paisagens. Semanas antes da inauguração de Ravensbrück, um curso de água local foi declarado “fonte orgânica para a raça ariana”. Fürstenberg sempre havia sido popular entre os amantes da natureza, que vinham passear de barco nos lagos ou visitar o palácio barroco que dá nome à cidade.

Por um breve período, no início da década de 1930, a cidade tinha sido um baluarte comunista, e, quando os nazistas procuraram se expandir por ali houve várias escaramuças nas ruas, mas a oposição já havia sido erradicada antes de Hitler se tornar chanceler. Dois nazistas, o prefeito indicado e um padre, o pastor Märker, assumiram a igreja evangélica local. Os “alemães cristãos” de Hitler, fortes nas áreas rurais, organizavam festividades e desfiles nacionalistas.

No final da década de 1930 a maior parte dos judeus de Fürstenberg havia partido. Eva Hamburger, judia proprietária de um hotel, resistiu à expulsão, mas, após o *pogrom* da Kristallnacht, a “noite dos cristais”, em 9 de novembro de 1938, ela também foi embora. Naquela noite, o cemitério judeu de Fürstenberg foi destruído e o hotel de Eva Hamburger, danificado. Pouco depois, o jornal local informou que a última propriedade judaica, no nº 3 da Rößinsee, tinha sido vendida.

A exemplo da maioria das pequenas cidades alemãs, Fürstenberg sofrera muito com a depressão, e a chegada de um campo de concentração

significava empregos e comércio. O fato de os presos serem mulheres não era questionado. Valesca Kaper, de meia-idade, casada com um comerciante, era a líder do *Frauenschaft* (o grupo de mulheres nazistas) local, e frequentemente arengava as mulheres sobre os males da maquiagem, do fumo e do álcool, e explicava o peso que os “antissociais” representavam para o Estado. Josef Goebbels inclusive disse aos habitantes de Fürstenberg em um discurso: “A família é a origem da força da nação, e as mulheres são o seu núcleo e seu centro.”

Na primavera de 1939, como a data da inauguração do campo se aproximava, as mulheres foram instadas a “servir no *front* doméstico” — o que incluía trabalhar como guardas no campo de concentração, mas nada oficial foi anunciado sobre o recrutamento; na verdade, nada oficial foi dito sobre o campo. Apenas uma breve referência no *Notícias da Floresta* sobre “um acidente perto do grande canteiro de obras” dava alguma pista de que o campo de concentração estava sendo construído.

No início de maio, houve um concerto com obras de Haydn e Mozart, e a Gestapo local promoveu um evento esportivo de tiro e lançamento de granadas. O cinema exibiu uma comédia romântica. O jornal informou que, após o inverno rigoroso, doações de caridade eram esperadas, e houve notícias de falências.

Durante todo esse tempo, a comporta do rio se abria constantemente para o trânsito de balsas com materiais de construção, e da margem do lago onde ficava a cidade podia-se ver os muros do campo. Diversas moradoras se candidataram a empregos, inclusive Margarete Mewes, jovem mãe que trabalhava como empregada doméstica. No primeiro domingo de maio, Fürstenberg organizava uma comemoração tradicional pelo Dia das Mães. *Frau* Kaper distribuía a Cruz das Mães às que tinham mais de quatro filhos, em resposta ao chamado de Hitler para multiplicar a raça ariana.

Em 15 de maio,²⁵ uma manhã ensolarada, vários ônibus azuis cruzaram a cidade em direção ao “canteiro de obras”. Pouco antes do amanhecer daquele dia, os ônibus tinham parado ante os portões do castelo de Lichtenburg, a pouco mais de 480 quilômetros ao sul. Em seguida, figuras femininas cruzaram a ponte levadiça do castelo portando pe-

quenas bolsas e subiram nos veículos. A noite estava clara, mas o interior dos ônibus se encontrava muito escuro. Ninguém se entristeceu ao ver a fortaleza sombria desaparecer atrás na escuridão, mesmo sem saber o que estava por vir.

Algumas ousaram pensar que a viagem as levaria a um lugar melhor e que a jornada — qualquer jornada — trazia em si um gosto de liberdade, mas as prisioneiras políticas alertaram que não havia como topar com algo melhor. O avanço de Hitler sobre a Tchecoslováquia era questão de tempo: maridos, irmãos, pais e filhos morriam em números cada vez maiores em Buchenwald, Sachsenhausen e Dachau. Diversas mulheres portavam notificações oficiais destas mortes junto com fotos dos filhos e pilhas de cartas.

As judias recordavam os que tinham sido detidos no *pogrom* da Kristallnacht.* Contudo, paradoxalmente, elas tinham mais motivos do que outras para ter esperanças naquele momento. O horror da Kristallnacht, seis meses antes, traumatizara os judeus alemães e deixara o mundo em choque, não a ponto de intervir, e sim para fornecer mais vistos aos que estavam desesperados para fugir. Os nazistas estimulavam a fuga dos judeus com o fim de confiscar suas propriedades e bens. Seis meses depois dos *pogroms* de novembro, mais de 100 mil judeus alemães haviam emigrado, e muitos mais esperavam documentos para fazer o mesmo.

Os judeus detidos em prisões e campos souberam que também podiam emigrar, sempre que contassem com um visto e com fundos para viajar. Dentre os que esperavam receber documentos em breve, estava Olga Benário. Embora a sua própria mãe se mantivesse distante, a sogra brasileira de Olga, Leocádia, e a irmã de Luiz Carlos Prestes, Lygia, lutavam incansavelmente por Olga desde que obtiveram a guarda da bebê Anita.

Pouco antes de sair de Lichtenburg, Olga escrevera a Carlos, que estava detido em uma prisão brasileira: “A primavera por fim chegou e as

* Após a Kristallnacht, dezenas de milhares de homens judeus foram detidos em campos de concentração, mas o mesmo não ocorreu com as mulheres, provavelmente por temor de provocar um revide e porque, à época, não havia espaço suficiente para elas atrás das grades.

pontas verde-claras das árvores observam inquisitivamente por cima do pátio da prisão. Mais do que nunca desejo um pouco de sol, beleza e sorte. Algum dia estaremos reunidos com Anita–Leocádia, felizes os três? Perdoe-me por pensar assim, sei que preciso ser paciente.”

Quando o amanhecer raiou no campo de Mecklenburg, a luz do sol atravessou os furos do oleado e o ânimo das prisioneiras melhorou. As austríacas cantaram. Ao se aproximarem de Ravensbrück, era quase meio-dia e fazia muito calor nos ônibus. Sem ar, as mulheres ofegavam. Os veículos se detiveram na lateral da estrada. As portas se abriram e as que vinham na frente viram um lago resplandecente. O odor da floresta de pinheiros inundou os ônibus. Uma comunista alemã, Lisa Ullrich, viu “um povoado pouco habitado em um pequeno mar idílico, rodeado por uma floresta escura de abetos”.²⁶

Os seus corações “saltaram de alegria”, recordou Lisa, mas, antes que os veículos se detivessem, elas ouviram gritos, o zunir de chicotes e latidos. “Um série de ordens e insultos nos saudou quando começamos a descer dos ônibus. Hordas de mulheres surgiram por trás das árvores — guardas de saia, blusas e quepes portando látégos, algumas com cães que ganiam para os ônibus em meio às árvores.”

Ao descer dos ônibus algumas prisioneiras desmaiaram, e as que se detiveram para ajudá-las foram derrubadas pelos cães ou fustigadas. Elas ainda não sabiam, mas, pelas regras do campo, ajudar às demais constituía uma falta. “Putas, vacas imundas, levantem-se. Sua cachorra vadia.” Outra regra era que as prisioneiras sempre se formavam em cinco fileiras. “*Achtung. Achtung.* Cinco fileiras. Mãos junto ao corpo.”

As ordens ecoavam nas árvores e as retardatárias eram chutadas com coturnos. Rijas de pânico, os olhos postos no piso arenoso, elas faziam o possível para não serem notadas. Evitavam se entreolhar. Algumas choramingaram. Outro zunido do látégo e houve um silêncio absoluto.

A bem treinada rotina da SS tinha funcionado, provocando um terror extremo na hora da chegada. A partir de então, quem ousara pensar em resistir havia sido subjugada. Este ritual tinha se repetido centenas de vezes nos campos de concentração masculinos, e era encenado pela primeira vez às margens do Schwedtsee. Seria ainda pior para as que viessem de-

pois, na escuridão da noite ou sob a neve, sem compreender a língua. Todas as sobreviventes de Ravensbrück recordariam o trauma da chegada; todas recordariam o próprio silêncio.

O primeiro grupo²⁷ fica de pé sob o sol e em absoluto silêncio talvez durante umas duas horas. Quando começa a contagem, Maria Zeh, de Stuttgart, olha para cima e vê as flores de colza desabrochando.²⁸ Leva um tapa na cara. “*Die Nase nach vorne!*”, grita uma guarda — “O nariz para a frente.”

Elas foram contadas repetidas vezes — outra lição: se alguém sai da fila, desmaia, ou a contagem sai errada, começa tudo de novo. “Antes de marcharmos, a chefe da guarda recebe um papel com o total”, recorda Lisa Ullrich. A chefe da guarda é Johanna Langefeld. Ela havia se mantido distante, e agora verifica a contagem. Faz um sinal para que as mulheres avancem. A figura corpulenta de Max Koegel também está presente.

As prisioneiras caminham e passam por casas em construção à esquerda, mas não entendem bem onde estão. Chegam a uma ampla clareira sem árvores e onde a grama foi roçada deixando apenas areia e pântano. Naquela terra arrasada, ergue-se um enorme muro cinza. As mulheres cruzam um portão e se dão conta de que entraram no novo campo.

“*Achtung, Achtung*, cinco fileiras.” Elas estão de pé em uma praça de areia, desolada, marcada como local de reunião das tropas. Sentem o odor de madeira nova e de tinta fresca. Há barracões toscos de madeira por todo lado. Algumas notam canteiros de flores vermelhas. O sol se põe. Os portões se fecham atrás delas.